

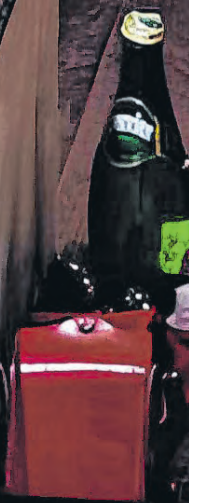
# O anjo caído



A tragédia em torno da vida de um dos maiores astros de Hollywood é desnudada no premiado monólogo 'Como Não Posso Ser Montgomery Clift?', que volta aos palcos cariocas em julho. Em atuação arrebatadora, Gustavo Gasparani dá corpo e voz a este artista atormentado. **Página 2**



Gustavo Gasparani em 'Como Não Posso Ser Montgomery Clift?'



# Um astro entre a fama e o abismo

Com atuação reluzente de Gustavo Gasparani, monólogo sobre a trágica jornada de Montgomery Clift ganha nova temporada carioca

O palco do Teatro Laura Alvim, em Ipanema, recebe a partir do dia 3 de julho a reestrelagem de “Como Posso Não Ser Montgomery Clift?”, monólogo que mergulha na vida e nos abismos de um dos maiores ícones de Hollywood. Em cena, o multitalentoso Gustavo Gasparani dá corpo a Montgomery Clift (1920-1966), o galã de olhar dilacerado que desafiou Hollywood não apenas com sua atuação, mas com uma existência marcada pelo conflito entre a persona pública e aquilo que era obrigado a esconder.

O texto é do dramaturgo espanhol Alberto Conejero López, vencedor do Prêmio Nacional de Literatura Dramática (2019) por “A Geometria do Trigo” e do prêmio Leopoldo Alas Múgica de Literatura Dramática (2015) por “Cliff Precipício”, obra que deu origem ao monólogo. A tradução é de Fernando Yamamoto, e a direção, de Fernando Philbert.

A montagem insere o espectador no apartamento de Montgomery Clift no momento em que, exausto do assédio da indústria cinematográfica, o ator decide abandonar o cinema para voltar ao teatro e realizar o sonho de montar “A Gaviota”, de Tchekhov. A trama se desenrola num cenário concebido por Natália Lana, que instala uma grande banheira sobre o palco — objeto que evoca ao mesmo tempo um túmulo e um útero. Refletores em tripés espalhados pela cena sugerem a exposição permanente a que Clift estava submetido; garrafas vazias,



Nil Caniné/Divulgação

A interpretação de Gustavo Gasparani no solo ‘Como Não Posso Ser Montgomery Clift?’ lhe rendeu indicações a importantes premiações teatrais

“Se a dificuldade em lidar com a voracidade da fama, e com a própria sexualidade, criou um ambiente nocivo e tóxico em relação à profissão levando o personagem ao abismo, é a paixão por essa mesma profissão que o faz emergir de suas profundezas e continuar”

GUSTAVO GASPARANI

objetos e roupas espalhadas completam o ambiente de desalinho. O figurino de Marieta Spada veste o ator com um smoking já desfeito, como quem acabou de passar a noite em claro. A iluminação de Vilmar Olos costura a passagem entre os estados lúcidos e alucinados do personagem.

Montgomery Clift foi um dos rostos mais fotografados de sua geração. Indicado ao Oscar por “Só Resta a Esperança” (1948), “Um Lugar ao Sol” (1951) e “A Um Passo da Eternidade” (1953), ele revolucionou a atuação cinematográfica ao trazer para a tela

uma vulnerabilidade que o cinema estadunidense até então reservava às suas atrizes.

Sua vida, porém, foi marcada por um divisor de águas trágico: em maio de 1956, depois de uma festa na casa de Elizabeth Taylor, ele bateu o carro contra um poste e teve o rosto desfigurado. As cirurgias reconstrutivas desenvolveram parcialmente sua aparência, mas o lado esquerdo do rosto permaneceu parcialmente paralisado — e Clift passou a atuar de perfil para a câmera. O acidente, somado à pressão de viver a homossexualidade às es-

condidas numa Hollywood que a criminalizava, levou-o ao álcool e aos barbitúricos. Morreu aos 45 anos, em 1966.

A dramaturgia de Conejero López desnuda a subjetividade de um homem que tenta resgatar do naufrágio da própria existência o que lhe restou de mais preciso: o ofício de ator. “Se a dificuldade em lidar com a voracidade da fama, e com a própria sexualidade, criou um ambiente nocivo e tóxico em relação à profissão levando o personagem ao abismo, é a paixão por essa mesma profissão que o faz emergir de suas profundezas e continuar”, afirma Gasparani. “Quanto homossexuais vivem esse paradoxo? Quanto se escondem para vencer na profissão?”, reflete o ator com mais de 70 espetáculos no currículo e fundador da Cia dos Atores.

O espetáculo foi indicado ao Prêmio APTR nas categorias de Melhor Ator (Gasparani), Melhor Cenografia (Natália Lana) e Melhor Iluminação (Vilmar Olos), tendo vencido nesta última. A crítica recebeu a montagem com entusiasmo: Tania Brandão destacou que Gasparani “dá corpo a esta crise contemporânea violenta,

a crise gerada pela fama, com uma grandeza humana admirável”; Lionel Fisher agradeceu “o privilégio de ter assistido a mais uma ótima performance deste ator de exceção”. José Cetra, crítico e jurado do Prêmio APCA, definiu a peça como “imperdível para quem ama o cinema e o teatro”.

Gustavo Gasparani, que em 2026 também assina a autoria e direção de “Fafá de Belém, O Musical” (em cartaz em São Paulo) e “Espelho Mágico, O Musical” (no Rio), acumula ao longo de mais de quatro décadas de carreira 15 prêmios e 24 indicações nos principais certames das artes cênicas brasileiras — APCA, Shell, APTR, Cesgranrio, Reverência e Bibi Ferreira, entre outros. Sua trajetória inclui a fundação da Cia dos Atores, uma das companhias teatrais mais relevantes do país, e a publicação de três livros.

## SERVIÇO

### COMO NÃO POSSO SER MONTGOMERY CLIFT?

Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema)  
De 3 a 26/7, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)  
R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Cristiane Fernandes/Divulgação

**E**m cena, duas mulheres alternam entre os estados de humano e cavala, num jogo que embaralha identificação, disputa, cuidado e espelhamento. “Cavalas”, espetáculo de dança que Alana Falcão e Ana Brandão, está em cartaz no Sesc Copacabana.

A obra nasce de uma pesquisa de dois anos que investiga as fronteiras entre o humano e o animal a partir da relação entre duas mulheres. Em cena, as bailarinas e criadoras alternam posições — ora mulher, ora cavala — num jogo que transita entre terror e beleza, delicadeza e tensão, liberdade e disciplina. A coreografia constrói uma atmosfera ao mesmo tempo física, mítica e inquietante, que se alimenta de paradoxos.

As artistas se conheceram há cerca de dez anos, quando Ana Brandão, paulista, se mudou para Salvador e iniciou uma trajetória de colaboração com a parceira soteropolitana.

O processo que deu origem ao espetáculo começou no período pós-pandemia, durante estudos de movimento baseados na pesquisa Fighting Monkeys, criada pela artista grega Linda Kapetanea e desenvolvida a partir de jogos e tarefas de improvisação.

“Nesses estudos, acabamos percebendo que havia algo sendo criado ali. E fomos adentrando em histórias de um feminismo que flerta com o gênero do terror, em encontros entre macabros e encantadores”, relembra Ana Brandão.

A equipe criativa reúne ainda Lais Machado (dramaturgia), Diego Gonçalves (luz), Bernardo de Oliveira (cenografia), Marlan Cotrim (figurino) e Paulo Pitta (som e trilha sonora original).

Entre as referências que atravessam o espetáculo, estão o conto “As coisas que perdemos no fogo”, da escritora argentina Mariana Enríquez, a obra “Xifópagas capilares entre nós”, do artista visual Tunga, além de mitologias populares brasileiras marcadas por transformações de



O processo criativo que deu origem ao espetáculo começou no período pós-pandemia, durante estudos de movimento

“Nesses estudos, acabamos percebendo que havia algo sendo criado ali. E fomos adentrando em histórias de um feminismo que flerta com o gênero do terror, em encontros entre macabros e encantadores”

ANA BRANDÃO

## Entre o humano e o animal

‘Cavalas’, de Alana Falcão e Ana Brandão, mescla horror, mitologia popular e feminilidade

mulheres em bestas. O cabelo surge como elemento simbólico que conecta essas imagens — presente tanto nas crinas de cavalos quanto

em narrativas do horror feminino e nas figuras híbridas construídas em cena.

“Todas essas ideias de horror e

mulheridade nos acompanham desde o início do processo. O cabelo e o cavalo se encontraram e ficamos mexendo nessas interseções até o nascimento de ‘Cavalas’”, explica Alana Falcão.

Após a estreia no Junta Festival, no Piauí, em outubro de 2023, o espetáculo passou por diferentes contextos artísticos em estados como São Paulo, Pernambuco, Ceará, Paraná, Pará e Bahia. Em 2025,

o projeto realizou uma circulação pelo Norte do Brasil a partir do fomento da Bolsa Funarte de Dança Klaus Vianna 2023, experiência que consolidou o desejo das artistas de ampliar as trocas criativas com o eixo Norte-Nordeste.

### SERVIÇO

#### CAVALAS

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)  
Até 5/7, às quintas e sextas (19h), sábados e domingos (17h)\*  
Ingressos: R\$ 30, R\$ 27 (convênios); R\$ 23 (convênio empresário); R\$ 21 (sócio Sesc); R\$ 15 (meia) e grátis (PCG)  
\*Sessão com audiodescrição em 4/7

#### OFICINA DOSES CAVALARES

30/6, das 14h às 18h, com inscrição prévia pelo link <https://lnq.com/odu45xv>

## Medos que ganham corpo

Público é condizido a célebres contos de Edgar Allan Poe no espetáculo ‘Nictofobia’ em curtíssima temporada

O escuro, a morte, os espaços fechados. Medos que todo mundo conhece — e que, no teatro, podem virar personagem. É a aposta de “Nictofobia”, em cartaz no Teatro Correios neste fim de semana, na sexta e sábado (26 e 27).

No palco, seis atrizes interpretam fobias que guiam o público pelos contos de Edgar Allan Poe. Juliana Lacerda é Nictofobia (medo do escuro), Suelen Soares vive Claustrofobia, Luísa



Na montagem seis atrizes dão corpo a seis tipos de medo

sa Mayão encarna Tanatofobia

(medo da morte), Lili Pardini é Agorafobia, Milla Villela interpreta Acrofobia (medo de altu-

ra) e Fernanda Cunha dá vida a Zoofobia (medo de animais). As personagens também assumem papéis nos contos, criando pontes entre cada medo e as histórias.

A montagem equilibra terror e humor, com referências a “A Família Addams” e “Beetlejuice”. O espetáculo passou por festivais no Rio, São Paulo e Minas Gerais desde 2024, e passou por 40 horas de supervisão artística com Daniel Herz após ser contemplado na Mostra Regional de Artes Cênicas — edital SESC 2025.

### SERVIÇO

#### NICTOFOBIA

Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro) | 26 e 27/6, às 19h  
R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Caio Mylani/Divulgação

**CRÍTICA TEATRO | VENENO**

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

# Autópsia do luto

O drama é sobre a incapacidade do ser humano em lidar com a dor, o veneno que abas-tece e entorpece as nossas vísceras, a partir das tragédias, pelas quais, por vezes, somos condenados a permanecer na catástrofe do ser. O texto psicológico da holandesa Lot Vekemans reflete as agruras de um ex-casal ao perderem o filho e a angústia no luto. A tradução de Mariângela Guimarães universaliza a obra.

A narrativa, tocante, parte do reencontro desses pais atravessados por um infortúnio e que tiveram seu casamento destroçado desde então, num dia chuvoso, na sala de espera do cemitério, onde o filho permanece enterrado há dez anos, ao receberem um aviso burocrático informando que o solo havia sido contaminado e devem remover os restos mortais. A notícia aciona dores e arquiteta um embate, revelando como cada um deles relaciona-se com a tortura. O tempo pode funcionar como remédio para anestésias a aflição, mas Ela conserva-se na melanco-

lia, enquanto Ele escamoteia seu padecimento com benevolência, estabelecendo um viés altruísta ao depara-se com sua ex-mulher. A surpresa que a autora reserva-nos é a prova de que estamos diante de uma escrita da melhor qualidade.

Há uma estética minimalista que corrobora para que a encenação não desague no melodrama, já que o material dramaturgic é demasiadamente intenso, além de afastar-se de um pensamento reducionista, apresentando duas ideias opostas absolutamente humanas. A direção, coletiva, opta por um palco quase nu, com mesa, cadeiras e um bebedouro, em que a água parece aliviar o ressecamento daquelas almas e corpos desnordeados. O refinamento encontra-se no que não está dito, nos silêncios abomináveis repletos de subtextos tencionados, pelos quais a audiência perturba-se. É o que podemos denominar como “Teatro de Câmara”, com sutilezas sustentando a profundidade da montagem, que investe no trabalho dos atores.

O elenco aproveita o máximo do material que lhes foi conce-



Alexandre Galindo e Cléo De Páris interpretam um ex-casal que se reencontra para acompanhar a remoção do corpo do filho

dido. Como um bálsamo para nossos olhos e ouvidos, o casal constrói suas personagens com extrema veracidade, instituindo pausas que são verdadeiras pontes de emoção. Tudo foi devidamente ponderado para que pudessem evidenciar simplicidade, embora estejam teatralmente estofados.

Falas acavaladas, palavras que sobrepõem-se como regurgitações agonizantes expressam o talento de Alexandre Galindo e Cléo de Páris, amalgamando-se em cicatrizes incuráveis. Uma dinâmica interior luminosa é estabelecida quando contracenam, em cenas fartas de variações. O destemperado dos dois, nos momentos certos, é conveniente e primoroso.

O figurino, de Fabiano Menna, investe na mesma paleta unindo o casal, enquanto a iluminação, coletiva, silhueta o esqueleto, com

lâmpadas frias tubulares, auxiliando a dureza do enredo.

Como elaborou Heidegger, o fato de que estamos voltados para o próprio abismo e finitude é, em essência, uma percepção da catástrofe iminente.

**SERVIÇO****VENENO**

Teatro CCBB (Rua Primeiro de Março, 66), de quarta a sábado e segundas (19h) e domingos (18h).

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

**NA RIBALTA**

POR AFFONSO NUNES

Eliano Lettieri/Divulgação

**Máscaras cairão no voo**

O espetáculo “Voo 372” faz única apresentação nesta sexta (26), às 20h, no Teatro Armando Gonzaga, em Marechal Hermes. Com texto e direção de Eliano Lettieri, a montagem acompanha oito passageiros em um voo internacional. No ambiente confinado da aeronave, segredos começam a emergir, revelando conexões obscuras entre figuras envolvidas em esquemas ilícitos, contrabando e corrupção. Quando o avião pousa e os passageiros são mantidos isolados na pista, as máscaras sociais caem em uma atmosfera de suspense e crítica social.

Divulgação

**O patinho no sertão**

O espetáculo infantojuvenil “O Patinho Feio”, da Trupe Investigativa Arroto Cênico, inicia circulação por unidades do Sesc no estado. A próxima apresentação será neste domingo (28), às 16h, no Sesc Nova Iguaçu. A montagem adapta o clássico de Hans Christian Andersen em formato de cordel, com teatro, música ao vivo e elementos da cultura popular. A história é ambientada no sertão e conduzida por uma trupe mambembe de artistas. Desde a estreia, a produção já passou por 23 teatros e recebeu premiações nacionais.

Paty Lopes/Divulgação

**O medo se torna afeto**

Criado por Paty Lopes e com atuação de Marcelo Dog, “Abraça” encerra temporada neste domingo (28) no Teatro Ruth de Souza, em Santa Teresa. Voltada para bebês, crianças pequenas e suas famílias, a montagem propõe uma encenação sensorial com ritmos lentos, gestos ampliados e estímulos que respeitam a percepção dos pequenos espectadores. Em cena, uma cobra de quase oito metros é o elemento central da narrativa, em que o medo se transforma em afeto. O espetáculo incorpora acessibilidade com texto autodescritivo e Libras.

Projeto que soma mais de 2,3 milhões de visualizações na web chega ao Renascença com Dudu Nobre, Moacyr Luz, Velha Guarda da Portela, Marcelinho Moreira, feijoada da Tia Surica e cerveja gelada



Velha Guarda da Portela

“O Samba na Cozinha nasceu do desejo de mostrar a verdade do samba, sem filtros, unindo a música à gastronomia de raiz que sempre acompanhou as grandes rodas”

DUDU PAGODINHO

# Batuque na cozinha, SIM SENHOR!

AFFONSO NUNES

**S**amba na segunda-feira todo mundo conhece. É o Samba do Trabalhador, comandado por Moacyr Luz no Renascença. Mas desta vez o clube do Andaraí recebe neste sábado (27) a primeira edição presencial do Samba na Cozinha. Com mais de 2,3 milhões de visualizações na web, o projeto ganha versão ao vivo com apresentações de Dudu Nobre, Moacyr Luz, Velha Guarda da Portela, Marcelinho Moreira, feijoada da Tia Surica e cerveja gelada porque é assim que gente gosta de batuque na cozinha.

Idealizado pelo produtor Dudu Pagodinho e pelo publicitário Maurício Barzilai, o fenômeno digital começou como uma série de vídeos na internet durante a pandemia. “O Samba na Cozinha nasceu do desejo de mostrar a verdade do samba, sem filtros, unindo a música à gastronomia de raiz que sempre acompanhou as grandes rodas. Ver esse conteúdo se transformar em uma experiência viva, no chão do Renascença, que é um lugar sagrado pro samba, é especial demais”, afirma o filho de Zeca Pagodinho.

E o Renascença Clube não é um lugar qualquer na fila do pão. Fundado em 1952 como um dos primeiros clubes sociais negros da cidade, o espaço na Rua Barão de São Francisco, 54, é referência histórica



Moacyr Luz

do samba carioca. Por lá passaram gerações de sambistas, e a casa mantém até hoje uma programação regular de rodas, ensaios e encontros.

Na parte gastronômica, o cardápio será comandado por nomes conhecidos da cena carioca. Tia Surica — figura histórica da Portela e cozinheira de mão cheia — estará à frente da feijoada, ao lado da Nobre Gastronomia. Completam a oferta o Quitanda Gastronomia, o Bre-



Marcelinho Moreira

wteco e o Bar do Zeca Pagodinho, cada um com operações exclusivas dentro do evento.

Para Maurício Barzilai, a passagem do digital para o físico era um caminho natural. “Sempre quisemos que o Samba na Cozinha fosse além da tela. O público que nos assiste em casa agora vai poder se encontrar, tomar uma cerveja gelada junto e viver essa energia de verdade. É a nossa comunidade digital ganhando vida no melhor lugar possível, que é o Renascença”, diz Barzilai.

Juntos, Dudu e Barzilai Dudu Pagodinho criaram a Rádio Samba, a primeira plataforma online 100% dedicada ao gênero no Brasil. Unindo música, história, audiovisual e impacto social, a rádio preserva a memória do samba ao mesmo tempo em que abre espaço para as novas gerações, oferecendo programação

gratuita 24 horas via aplicativo próprio (iOS e Android). A emissora destaca-se por conteúdos originais como os programas O Samba Tem História, Raízes do Samba, Jóias Raras e o próprio Samba na Cozinha.

## SERVIÇO

### SAMBA NA COZINHA

Renascença Clube (Rua Barão de São Francisco, 54, Andaraí) 27/6, DAS 12h às 22h  
Ingressos a partir de R\$ 80 e R\$ 40 (meia), sem alimentação

# Otto celebra seu clássico



Otto recebe os amigos do Mundo Livre S/A para celebrar o repertório de um de seus trabalhos mais marcantes

Cantor e compositor pernambucano recebe Mundo Livre S/A em show que comemora os 25 anos do icônico 'Condom Black'

AFFONSO NUNES

O ano era 2000 e mais um disco de um artista pernambucano desafiava classificações. Nascido da efervescência criativa do Recife da Manguebeat, "Condom Black", segundo álbum de Otto, chegava às lojas como um objeto musical híbrido — ao mesmo tempo urbano e ritualístico, eletrônico e percussivo, pop e experimental. Duas décadas e meia depois, o trabalho ainda é uma referência para entender os rumos da música brasileira na virada do milênio. E é para celebrar esse legado que Otto sobe ao palco do Circo Voador neste sábado (27) para também comemorar mais um ano de vida.

Produzido por Apollo 9, "Condom Black" surgiu como um passo adiante em relação à estreia solo de Otto, "Samba Pra Burro" (1998). Se o disco de estreia ainda carregava a energia crua e experimental dos primeiros anos pós-Chico Science &



Mundo Livre S/A, a banda mais roqueira da cena Manguebeat

Nação Zumbi, o segundo trabalho apostou numa sonoridade mais orgânica e estruturada — sem, no entanto, abandonar as raízes manguebeat que definiram a cena recifense nos anos 1990. O resultado é um álbum em que o samba, as ambiências eletrônicas e as batidas percussivas características do maracatu convivem muito bem.

No repertório da noite, estão confirmadas faixas emblemáticas

do disco, como "Dias de Janeiro", "Cuba" e "Dilata" — esta última talvez a mais conhecida do álbum, com seu refrão hipnótico e sua construção rítmica que se tornou marca registrada de Otto. Além das pérolas de "Condom Black", o show promete passar por outros sucessos da trajetória do cantor, compositor e percussionista, que construiu uma carreira solo sólida desde que deixou a Nação Zumbi, nos anos 1990.

Para tornar a noite ainda mais especial, Otto convidou a Mundo Livre S/A para dividir o palco. Fundada em 1984 por Fred 04, a banda é considerada uma das pioneiras do manguebeat que colocou o Recife no mapa da música brasileira contemporânea. No line-up da apresentação, Fred 04 (voz, cavaco, guitarra e violão), Xef Tony (bateria), P3dr0 Diniz (baixo elétrico), Leo D. (teclados, sintetizadores e MPC) e Pe-

dro Santana (percussão e efeitos) prometem um mergulho no cancionista do grupo, com músicas seminais para o surgimento do movimento, sucessos da discografia e também novidades.

Otto e a banda compartilham não só a origem pernambucana, mas uma visão de mundo que mistura tradição e modernidade, ritmos regionais e linguagens globais. Se "Condom Black" é, de certa forma, um desdobramento da estética manguebeat levada para o terreno da canção pop experimental, a Mundo Livre S/A representa a vertente mais roqueira e politizada do mesmo movimento.

Nos intervalos, o DJ Machintal assume as pick-ups com sets que cruzam rap, soul, funk, jazz, reggae, pop e música brasileira.

## SERVIÇO

### OTTO CONVIDA MUNDO LIVRE S/A

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
27/6, a partir das 22h  
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

# A cena independente noventista se encontra

Circo Voador recebe nesta sexta shows de Baia e Dread Lion



Divulgação



Rodrigo Romano/Divulgação

Baia e Dread Lion aquecem a noite na Lona da Lapa

## AFFONSO NUNES

**H**á 30 anos, uma banda de rock independente carioca conseguia o que parecia improvável: vender 50 mil cópias do primeiro disco

sem o apoio de uma gravadora. O feito, raro para os padrões da época, pertencia ao Baia (então Baia e Rockboys) e ao álbum “Na Fé”, que chega a 2026 celebrando três décadas de existência com um show no Circo Voador nesta sexta-feira (26). Na mesma noite, a lendária Dread Lion —

referência do reggae nacional — também sobe ao palco da Lona da Lapa, numa programação que reúne duas pontas da cena alternativa carioca dos anos 1990.

Produzido por Tom Capone — nome fundamental do rock brasileiro, que trabalhou com Cachorro Grande, Raimundos e

O Rappa, entre outros —, “Na Fé” foi o cartão de visitas de Maurício Baia para o grande público. O disco trazia uma coleção de canções que se tornariam hinos de uma geração: “Overdose de Lucidez”, “Trem”, “Tô Over” e a faixa-título “Na Fé” são exemplos de uma obra que mesclava rock,

punk e melodias pop com letras que falavam de amor, juventude e inquietação.

Baia construiu ao longo das décadas seguintes uma trajetória sólida, com discos que foram refinando a sonoridade sem perder a energia crua dos primeiros trabalhos. O show no Circo, porém, sempre tem um sabor especial para o artista hoje radicado em Miami (EUA): a Lona da Lapa foi palco de momentos importantes da carreira da banda. Além das faixas do disco, o repertório promete incluir sucessos de outros trabalhos, num passeio por três décadas de estrada.

Do outro lado da noite, o Dread Lion volta aos palcos depois de um período afastado. A banda, que ajudou a pavimentar o caminho do reggae no Brasil, traz no repertório clássicos como “Oh Chuva!”, “Ninguém” e “Maldivas” — canções que atravessaram gerações e se mantêm vivas no imaginário do público. Mas não será apenas um mergulho no passado: o grupo também apresenta novidades, como o single “Positivamente”, que aponta para as questões sociais e políticas que o reggae, como gênero, sempre abraçou.

Entre um show e outro, o DJ Marcelinho da Lua — figura que acompanhou de perto todo o movimento da cena alternativa carioca desde seu surgimento — comanda a pista com sets que misturam rock, reggae e MPB, costurando sonoramente as duas apresentações.

## SERVIÇO

### BAIA & DREAD LION

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)  
26/6, a partir das 22h  
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

### Blues e jazz ganham sotaque nordestino

O encontro entre o gaitista Jefferson Gonçalves e o Bitencourt Duo aconteceu de forma espontânea, longe de qualquer formalidade, resultando em uma formação única, na qual os músicos não apenas tocam, mas contam histórias. Neste sábado (27), às 22h30, eles levam ao palco do Blue Note Rio sua mistura de música nordestina, blues, jazz e grooves contemporâneos.



Divulgação

### O xodó que dá em flor de Amanda Mendonça

A cantora Amanda Mendonça retorna aos palcos com o show ‘Xodó em Flor’, versão acústica, no Espaço Cenáculo, no Flamengo, ao lado do violonista Luiz Lopez. No repertório, canções autorais e versões que transitam livremente entre vertentes como pop, balada, MPB, ijexá e música alternativa, criando pontes entre o tradicional e o moderno.



Micheal William/Divulgação

### O Nordeste eletrônico de Fitti

A sonoridade imersiva dopernambucano Fitti chega nesta sexta (26), às 19h30, ao palco do Teatro Rival Petrobras com o repertório de “Transespacial”, álbum que integra ritmos do Nordeste, sintetizadores, beats eletrônicos e atmosferas espaciais, criando uma identidade sonora própria. O trabalho recebeu indicação ao Grammy Latino do ano passado.

# SEXTOU! UM DF DE

## FESTIVAL

### Superjazz Festival

✳O Superjazz Festival realiza a última edição da temporada 2026 nesta quarta-feira (1º), nos jardins do CCBB Brasília. A programação reúne a cantora, compositora e trombonista Mirian Marques, o guitarrista irlandês Max Zaska e o projeto Lambada da Serpente com participação de Manoel Cordeiro e do Coletivo Superjazz. Os ingressos são gratuitos e estarão disponíveis pelo site [www.bb.com.br/cultura](http://www.bb.com.br/cultura)

### SARAU-VÁ

✳Coletivos Moverments, Ação Lésbica do DF e Entorno e Distrito Drag promovem o "Sarau – VA – Edição Especial Visibilidade Lésbica" com apoio da Secretaria de Cultura do Distrito Federal (SECEC/DF). A primeira edição será realizada em 27 de junho, a partir das 15h, na Casa Akoti-rene, em Ceilândia. O evento é gratuito e aberto ao público. A programação reúne artistas lésbicas e sapatonas do Distrito Federal em apresentações musicais, poesia, debates e momentos de microfone aberto.



Divulgação

Superjazz Festival chega à sua sétima e última edição da temporada 2026

## CINEMA

### Dia do Orgulho LGBTQIA+

✳O Cine Brasília terá uma programação com estreias, sessões especiais e atividades culturais nesta semana. No dia 28 de junho, em celebração ao Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, o espaço realiza a exibição inédita no Distrito Federal do filme "Labirinto dos Garotos Perdidos", de Matheus Marchetti, às 20h45, com ingressos a R\$20 e R\$10

### Mestras do macabro

✳O CCBB Brasília recebe a 2ª edição da mostra "Mestras do Macabro – As Cineastas do Horror ao Redor do Mundo", com entrada gratuita. A programação reúne 28 longas e 10 curtas nacionais e internacionais que destacam a participação feminina no cinema de horror. Com curadoria de Beatriz Saldanha, a mostra apresenta obras de diferentes períodos e estilos, além de homenagens à video-maker Cecelia Condit, à cineasta Marina de Van e à atriz Gilda Nomacce.

### Mostra Primeira Infância

✳O CCBB Brasília recebe, de 2 de julho a 2 de agosto de 2026, a Mostra Primeira Infância –



Divulgação

Mostra de cinema "Mestras do macabro"

Ocupação Teatral Eranos, com programação gratuita voltada ao público infantil e suas famílias. A iniciativa reúne espetáculos, performances, oficinas, cinema e atividades formativas criadas pela Eranos Círculo de Arte, com foco em experiências sensoriais e interativas para a primeira infância.

## SHOW

### Chá da Lexa

✳O Chá da Aleixa será realizado no dia 4 de julho na Biroscas do Conic, no Setor de Diversões Sul, em Brasília. O evento é

inspirado no Chá da Alice e reúne apresentações musicais e repertório de músicas pop. A programação inclui execução de hits e performances ao longo da noite.

### Porta do Mundo

✳O grupo brasileiro Porta do Mundo encerra a circulação do álbum "Fervo Brasília" em 3 de julho, às 20h, no Espaço Cultural Renato Russo. O show gratuito, com ingressos via Sympla e interpretação em Libras, terá as participações de Ane Êoketu, Isabella Meneses e Eduardo Souza. O trio Filipe Braga, Rafa



Divulgação

Orla do Lago de Brazlândia recebe espetáculo gratuito

Energia e Stênio Neves toca com Lirys Catharina, Sebass Naldales e João Marcelo Zinn, mesclando choro, ritmos nordestinos e africanos. O projeto tem patrocínio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

### Showcases

✳A quinta edição do Favela Talks ocorre de 29 a 31 de julho de 2026 no Distrito Federal, com programações no Museu Nacional da República, na Biroscas do Conic e no Ordinário Bar & Música. O evento não cobra ingressos e reúne shows e rodadas de negócios. A lista

de apresentações traz nomes como Nelson Rufino, Breno Alves, MU540 e DJ Travella, além de showcases com artistas do Distrito Federal selecionados por meio de convocatória.

## TEATRO

### Contação de histórias

✳O projeto "Primeira Infância em Foco: Contos de Encantamento" realiza sua apresentação de encerramento em 27 de junho de 2026, às 16h, no Teatro de Arena da Orla do Lago de Brazlândia. O evento tem entrada gratuita e classificação

# OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Reprodução

Chá da Aleixa será realizado no dia 4 de julho na Biroasca



Divulgação

O Fuá de Seu Estrelo apresenta a 7ª Roda, espetáculo inédito



Divulgação

Ópera "Condor" ganha montagem inédita

indicativa livre. Idealizado pelo Instituto Cultural Paepalanthus, o espetáculo de contação de histórias conta com interpretação em Libras e audiodescrição. A iniciativa marca o fim da circulação por instituições locais.

## Ópera "Condor"

✦ A Cia. de Cantores Líricos de Brasília apresenta uma adaptação da ópera "Condor", do compositor Antônio Carlos Gomes (1836-1896). As sessões gratuitas ocorrem nos dias 4 e 5 de julho no Teatro Paulo Gracindo do Sesc Gama, e em 18 e 19 de julho no Teatro Levino Paulo

Alcântara, na Escola de Música de Brasília, sempre às 19h. O espetáculo tem classificação livre e conta com acessibilidade em Libras e audiodescrição.

## Teatro de Terreiro

✦ O Grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro estreia o espetáculo de Teatro de Terreiro "No Reinado do Vice-Versa ou O Funeral da Saudade" nos dias 26 e 28 de junho de 2026, às 20h, no Centro Tradicional de Invenção Cultural, na 813 Sul. A montagem, inspirada na mitologia do Cerrado, apresenta 14 figuras inéditas criadas de forma cole-



Divulgação

SARAU-VÁ

tiva. A circulação do projeto segue em julho para as unidades do Sesc no Gama e em Taguatinga, com sessões que contam com audiodescrição. A entrada é gratuita.

## PROJETO

### ct\_texto\_SERVIÇÃO\_evento

✦ O 4º Festival de Cultura Inclusiva do Distrito Federal realiza oficinas e apresentações no Espaço Cultural Renato Russo. O projeto, coordenado pelo Instituto Entre Nós e pela Associação Mãe em Movimento, reúne oficinas de teatro, cenografia,



Divulgação

Porta do Mundo finaliza circulação

figurino e acessibilidade até julho de 2026. A programação resulta em um espetáculo no dia 29 de julho, na Sala Multiuso Túlio Guimarães. O evento apresenta também uma exposição de figurinos e adereços de 4 a 7 de agosto.

## 67ª Colônia de Férias Mapati

✦ O Espaço Cultural Mapati, na 707 Norte, sedia a 67ª Colônia de Férias Mapati de 29 de junho a 31 de julho de 2026. O evento funciona de segunda a sexta-feira, com opções de turnos pela manhã, tarde ou período integral. A programação infantil reúne oficinas de artes visuais, teatro, culinária, circo, jardinagem e brincadeiras. As famílias podem realizar as inscrições pelo telefone (61) 3347-3920 ou pelo endereço eletrônico da organização.

## EXPOSIÇÃO

### Lua Kixelô Cavalcante

✦ O Museu Nacional da República, em Brasília, recebe de 3 de

julho a 30 de agosto de 2026 a exposição individual "Muído em Aleijo ou Aleijo em Miúdos", da artista indígena Lua Kixelô Cavalcante. A abertura ocorre em 2 de julho, das 18h30 às 22h, com entrada gratuita. Sob a curadoria de Gisele Lima e Likidah Mazindandú, a mostra aborda a acessibilidade e o capacitismo por meio de instalações interativas, como a "Sala de Promessas", e a série de textos "Mandinga de Aleijadu". A programação inclui visitas mediadas e oficinas abertas ao público.

## Exposição "Perder a Borda"

✦ A exposição gratuita "Perder a Borda", do artista Daniel Jacaré, fica em cartaz até 28 de junho de 2026 na Sala Aquário do Espaço Cultural Renato Russo, na Asa Sul. Com curadoria de Monica Tachotte, a mostra traz pinturas inéditas e uma instalação imersiva que transforma a pintura em ambiente. A visitação aberta ao público ocorre de terça a sexta-feira, das 10h às 20h.

## ENTREVISTA | FATIH AKIN

CINEASTA

# 'A Alemanha vive traumatizada pela culpa'

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

**D**ono de um currículo invejável tanto para a Alemanha, onde nasceu e cresceu, quanto para a Turquia de seus pais, Fatih Akin consolidou sua reputação autoral como cineasta com o Urso de Ouro dado a "Contra a Parede", 22 anos atrás. Ampliou a fama com o Globo de Ouro entregue a seu "Em Pedacos" (2017), emendando um sucesso de bilheteria em sua pátria: "Rheingold: O Roubo do Sucesso" (2022). Sempre debruçado sobre as interseções culturais das nações que o formam, o diretor abre cicatrizes da II Guerra em "Uma Infância Alemã" ("Amrum"), um dos longas-metragens mais bem resenhados do Festival de Cannes de 2025. O filme acaba de estreiar por aqui, via Imovision. Seu enredo remonta aos últimos dias do conflito entre o Eixo e os Aliados, quando o menino Nanning (Jasper Billerbeck), de 12 anos, enfrenta o mar traiçoeiro para pescar e trabalha na fazenda próxima para ajudar sua mãe (Laura Tonke) a sustentar a família. Apesar das dificuldades, a vida na ilha de Amrum quase parece um paraíso. Aquele Éden é visto sob a ótica de um garoto que cresceu sob a ideologia do III Reich, no início dos anos 1940, sem saber das atrocidades cometidas por seu país sob o cabresto da SS. Agora, um segredo de família há de abalar a frágil paz do canteiro idílico onde ele vive.

Nesta entrevista ao Correio da Manhã, em Cannes, Akin, hoje com 52 anos, faz um balanço geopolítico do passado germânico e de sua identidade artística.

**O título original de "Uma Infância Alemã" é o nome da ilha onde a trama se passa, Amrum, o que abre uma reflexão acerca do quanto a sua narrativa personifica aquele espaço. O quanto aquele cenário insular é um coprotagonista?**

**Fatih Akin** - Sempre que se filmou uma ilha... ou que se escreveu sobre uma, como se lê em "Robson Crusoe", o espaço geográfico vira um tema e ganha um simbolismo icônico ligado ao isolamento. Crusoe, por exemplo, encontrava em seu ambiente um dilema de sobrevivência na luta contra a fome. No romance "O Senhor das Moscas", William Golding faz de uma ilha uma instância para uma reprodução paradoxal da sociedade ocidental que conhecemos. O que eu busco, com uma ilha, é demarcar uma fronteira espacial entre diferentes grupos populacionais da Alemanha e criar uma metonímia simbólica daqueles que se isolaram de todos os valores humanos ao se bandearem para a dimensão insular do nazismo.

**Existem limites para um cineasta alemão falar do nazismo?**

A Alemanha vive traumatizada pela culpa. Apesar disso, ela apoia Israel em seu armamentismo. De certa forma, "Uma Infân-

cia Alemã", ao falar de despertar, parte do passado para fazer um alerta sobre o que vivemos agora.

**Qual é o maior aprendizado que essa mirada infantojuvenil sobre a II Guerra lhe trouxe?**

A percepção de que humanos são capazes de gerar horrores uns entre os outros.

**Você vive na Alemanha, em Hamburgo, onde nasceu, e filma parte de sua obra num retrato da vida germânica (como em "O Bar Luva Dourada") e parte no olhar sobre a realidade turca, que retratou em cults como "Do Outro Lado", pelo qual recebeu o prêmio de Melhor Roteiro em Cannes, em 2007. O que te identifica como alemão?**

Filmar na Alemanha, com a liberdade que filmo, é a minha definição de ser alemão. Se eu tivesse satisfeito com o país de onde venho, não seria cineasta. Filmo para reagir, sem o desejo de retomar caminho que já percorri. Até o início dos anos 1990, mesmo com toda a segregação que vivemos na II Guerra Mundial, você não poderia se considerar alemão, mesmo nascendo na Alemanha, se o seu sangue não fosse germânico. E o meu sangue é turco, assim como parte da minha identidade, que



BetaFilm Bombero International

**“**Filmar na Alemanha, com a liberdade que filmo, é a minha definição de ser alemão. Se eu tivesse satisfeito com o país de onde venho, não seria cineasta. Filmo para reagir”

se formou vendo melodramas da Turquia na TV e vendo um VHS de "A Fúria do Dragão", com Bruce Lee, dublado em alemão. Nesse caldo cultural, eu me criei. A TV alemã da década de 1980 exibia um programa que se chamava "40 Anos Atrás...". Por meio dele, ali em 1981, 82, a minha geração informou-se do que se passou no Holocausto, embora o distanciamento histórico fosse pequeno.

**Como se deu a descoberta de Jasper Billerbeck, seu jovem ator, e a criação de Nanning?**

Não busquei atores mirins

para o elenco e, sim, crianças que tivessem conexão de berço com a natureza, com a experiência de crescer entre abelhas. Quando vi o teste de Jasper, gostei da timidez dele. Pensei: "Essa será a minha escolha". Desenvolvi estratégias na direção para soltá-lo... e deu certo.

**De que forma a figura de Hark Bohm (1939-2025) pavimentou "Uma Infância Alemã"?**

Ator e diretor que integrou elencos em alguns filmes de Fassbinder, Hank foi meu professor e era meu amigo. Esse projeto

era dele. Sua obra como cineasta, pouco conhecida hoje, era muito atenta à infância. Ele me procurou, já no fim da vida, sem condições de filmar o argumento, e me disse: "Eu estou te oferecendo a minha história". Minha empresa, a Bombero, precisava de um projeto, à quela época, e eu acabei assumindo a realização.

**Quais são seus próximos projetos?**

Há um filme sobre a diáspora turca em preparação e um documentário sobre um cantor turco a caminho.



Premiada na Croácia, a animação 'O Filho da Puta' está em concurso numa das mostras competitivas do Festival de Annecy

Uma das maiores grifes da animação latina há quase cinco décadas, a Otto Desenhos avança pelo Festival de Annecy, ampliando o prestígio de seu fundador, o cineasta Otto Guerra

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**D**efinido entre seus pares da animação latina como um "álcooldidata" na arte de filmar, Otto Guerra teve a sobriedade de chegar aos 70 anos (no dia 5 de março) sem deixar os destilados enferrujarem os neurônios que acredita ainda ser capaz de acessar. Tem coisa de que esqueceu (algumas delas por autodefesa), mas segue habilidoso nas manhas de fazer projetos capazes de correr o mundo.

Neste momento, o realizador gaúcho encarado desde a década de 1980 como um dos mais repetidos áses da animação nacional tem um longa-metragem em concurso na mostra competitiva Contrechamp

# Zona animada



Otto Guerra pretende levar 'O Filho da Puta' para Havana

“Mesmo em tempos de recessão cultural a gente está aí, pelo menos enquanto a extrema direita não se instala, o que é complicado. Mas, eu comecei na época da ditadura”

**OTTO GUERRA**

(Contracampo) do Festival de Annecy: “O Filho da Puta”. O evento é visto por quem vive de desenho, stop-motion, computação gráfica e técnicas afins como uma espécie de Cannes animada. Bunker de invenção no Rio Grande do Sul, a lendária Otto Desenhos Animados está em concurso lá com a Anaya Produções.

“Nossa produtora vai fazer 48 anos agora, no dia 15 de agosto, e já fizemos uns 600 comerciais para conseguir dinheiro, além de termos produzido cinco longas, com outros três em finalização. Fizemos uns 20 curtas, alguns bem interessantes”, lista Otto ao Correio da Manhã.

A direção de “O Filho da Puta” é assinada a oito mãos por Sávio Leite, Érica Maradona, Tania Anaya e ele. Há duas semanas, o filme foi premiado no AnimaFest Zagreb, na Croácia, uma das mais antigas mostras animadas do planeta, que está em sua edição número 54. “O Festival de Annecy é a nossa grande vitrine mundial, pois tem uma visibilidade que alguns consideram ser um Oscar para a animação. Ele faz parte de um círculo de quatro eventos que são os mais importantes do mundo para a animação, que inclui os festivais de Zagreb, onde fomos premiados, o de Hiroshima e o de Otawa, que já nos contactou”, diz Otto, que se destacou no cenário dos festivais de cinema mundo afora com os curtas-metragens (até hoje acessados por pesquisadores e críticos) “O Natal do Burrinho” (1984), “Treiler” (1986) e “Novela” (1992). “Esse novo filme funciona bem, modéstia à parte, pois a conexão com a Anaya nos fez bem”.

Sua trama se passa na pequena vila de Veredas, onde fica a Casa Rosa, um bordel administrado pela mãe do protagonista, Ismael. Por causa disso, ele é conhecido como o “Filho da Puta”. Tentando deixar

essa realidade para trás, Ismael se afasta dos laços maternos em busca das duas coisas que nunca conheceu: seu pai e o oceano.

“Esse filme tem muito apelo o que lhe dá chance em muito festival. Eu gosto muito do Festival de Havana. Se Cuba não for destruída pelos EUA até lá... quem sabe não vamos”, diz Otto, que há 20 anos ganhou aplausos e laúreas com “Wood & Stock: Sexo, Orégano & Rock 'n' Roll”, considerado sua obra-prima.

Estima-se que o Festival de Gramado (14 a 22 de agosto) vá ser o porto de chegada de “O Filho da Puta” no Brasil, embora o anúncio de seu nome entre os concorrentes ao troféu Kikito não tenha sido feito ainda. Em 2017, a maratona cinnéfila na Serra Gaúcha contemplou Otto com o troféu Eduardo Abelin, a honraria máxima do evento para o conjunto de obra de cineastas autorais. Naquela época, ele venceu um câncer dos mais ferozes, levou à telas o aclamado “A Cidade dos Piratas” (baseado nas tiras da Laerte e lançado em 2018), escreveu e publicou sua autobiografia (“Nem Doe”) e virou pai.

“Mesmo em tempos de recessão cultural a gente está aí, pelo menos enquanto a extrema direita não se instala, o que é complicado. Mas, eu comecei na época da ditadura”, explica Otto.

Na seção Midnight deste Annecy, onde o terror é uma presença constante, Cesar Cabral (a grife por trás de “Bob Cuspe”) gerou assombro e encanto com “Madrugada no Edifício Terezinha”. No enredo desse curta de 11’11”, é tarde da noite em São Paulo e, ainda assim, Álvaro aceita um trabalho cuidando de um paciente em fase terminal, sem saber que a morte se infiltra pelos cômodos do misterioso prédio antigo onde se instala.

A programação de Annecy termina neste domingo (28).

# Helena Solberg reluz nas Gerais



Com uma obra essencial para a consolidação de um cinema moderno e feminista no Brasil, a diretora ganha homenagem e retrospectiva na arrancada da maratona cinéfila de Ouro Preto

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

São muitas (sempre muito necessárias e todas bem-vindas) as razões para a realizadora Helena Solberg ser a artista homenageada na edição que marca a maioria da mostra CineOP, nas Gerais, a começar pela efeméride de 50 anos de sua estreia na direção, com a “A Entrevista”. Na seleção dos títulos de sua filmografia, separados pelo evento mineiro para ilustrar o quão essencial sua obra é (sobretudo para o amadurecimento do cinema brasileiro moderno), foram resgatadas suas andanças pela América hispânica (“A Dupla Jornada”, de 1975), e pelos EUA (“A Nova Mulher”, de 1974).

Com carreira reconhecida internacionalmente, vide os prêmios estrangeiros dados a “Carmen Miranda: Bananas Is My Business” (1995), a cineasta também foi laureada em festivais de forte adesão popular deste país, como o de Gramado. Ganhou por lá o troféu Kikito de Melhor Longa-Metragem, em 2004, por “Vida de Menina” – uma ficção. Hoje, em paralelo a seus compromissos em Ouro Preto, ela tem um projeto novo sobre a população evangélica no forno e não para de ter ideias.

“Esse novo filme é centrado em uma figura de liderança evangélica que se chama Wesley Teixeira. Ele vive em Duque de Caxias, na região do Morro do Sapo. O filme acompanha sua trajetória e me permite conhecer melhor essa cultura da periferia. O Wesley é um evangélico de esquerda que sobreviveu numa realidade violenta. Ele mesmo considera um fenômeno o fato de ter chegado aos 30 anos, sendo um homem negro, naquela área, do estado do Rio, onde a violência é pesada. O filme sobre o Wesley está me apresentando um Brasil que eu não conhecia. E isso é uma das coisas mais bonitas do documentário: ele nos obriga a continuar aprendendo. Cada filme abre uma porta para um mundo novo”, explica Helena.

Na triagem das justificativas (acertadas) da direção artística da CineOP em celebrar os feitos de



Ique Esteves/Universo Produção

Photo: @iqueestives

“O filme sobre o Wesley está me apresentando um Brasil que eu não conhecia. E isso é uma das coisas mais bonitas do documentário: ele nos obriga a continuar aprendendo”

**HELENA SOLBERG**

Helena por trás das câmeras, sua formação como cineasta é marcada por encontros que, em si, renderiam filmes. Na rodagem de “A Entrevista” (1966), ela convidou o pintor e cineasta Mario Carneiro (1930-2007) para a fotografia e teve o titã Rogério Sganzerla (1946-2004), realizador de “O Bandido da Luz Vermelha” (1968), no comando da montagem. Ficaram amigos para

o resto da vida. Dali, ela foi a São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) para assistir às filmagens de “O Padre e a Moça”, a convite de Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988). Trabalhou ainda como continuísta do igualmente titânico Paulo César Saraceni (1932-2012) em “Capitu” (1968). Na troca com os gigantes do Cinema Novo, o documentário acabou se desenhando como a forma

de expressão cinematográfica mais afim às motivações e objetivos. Mas não foi premeditado.

“É por meio de personagens... pessoas... que consigo acessar os temas que abordo”, diz a realizadora, que abriu o festival É Tudo Verdade, em 2024, com “Um Filme Para Beatrice”, discutindo como vão as mulheres no Brasil.

À época de sua exibição no Rio,

Helena disse ao Correio da Manhã: “O cinema foi uma ferramenta que mais de uma vez me aproximou de uma realidade suspeitada, mas, até então, desconhecida, e, como em todo documentário, acho que saí mais sábia e enriquecida por haver escutado o outro/a outra e juntas (o feminismo) vamos continuar atrás de respostas”.

No site da Mostra, o <https://cineop.com.br/>, onde os filmes de Helena podem ser vistos online, a equipe curatorial, representada por Juliana Gusman e Cleber Eduardo, explica a força política (de inclusão) por trás da celebração da diretora. Escrevem: “Helena Solberg, carioca nascida em junho de 1938, foi uma das primeiras realizadoras a torcer hierarquias visuais de um cinema brasileiro até então – e talvez até hoje – predominantemente masculinizado. Em ‘A Entrevista’ (1966), que virgula a nossa historiografia ao se tornar o primeiro curta-metragem feminino e feminista do cinema moderno nacional, Solberg reúne uma série de depoimentos de jovens de 19 a 27 anos que comentam, com notáveis discordâncias, sobre questões que orbitam sua experiência cotidiana aburguesada. (...) A obra é atravessada por uma insolucionável ambiguidade ao tensionar falas que comprovavam tanto a alienação das jovens da classe média alta brasileira, quanto suas justificadas insatisfações com os papéis de gênero que lhes eram atribuídos. De qualquer forma, o filme apresentaria temáticas nunca trabalhadas no cinema nacional a partir de um manejo de linguagem igualmente inovador”.

“Eu não gosto muito de dissecar o meu processo criativo, pois ficar consciente demais dos mecanismos me dá um certo pânico. Isso poderia até me paralisar”, diz Helena. “Acredito que a memória, o tempo e a identidade fazem parte de uma forte intuição. Essa intuição, poética, é alimentada pela pesquisa, pelo conhecimento, mas também pelo cinema enquanto ferramenta de expressão. No documentário, principalmente, essa ferramenta ajuda a organizar os elementos da realidade”.

A CineOP vai até 30 de junho.

Festa do Cinema Italiano se une à mostra CineOP para badalar longa sobre pioneiros da arte de filmar em solo nacional, abrindo espaço em circuito para Isabel Coixet e Mario Martone

# Segredo, mistura cinéfila do Brasil com a Itália



Divulgação  
'Três Vezes Adeus' carrega a marca autoral da catalã Isabel Coixet para terras italianas



## RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**É** uma vocação da 8 ½ Festa do Cinema Italiano badalar vozes autorais da contemporaneidade europeia, como Margherita Ferri e Damiano Michieletto, representados em sua grade por "O Menino da Calça Rosa" e "Primavera". Ao mesmo tempo é de sua natureza olhar para o ontem da pátria de Fellini e de Antonini e entender como ela se almiscarou com outras culturas, entre elas a brasileira. Daí a sinergia entre o festival da Itália e a 21ª CineOP, para promover "Os Irmãos Segreto", documentário italo-brasileiro dirigido por Federico Ferrone e Michele Manzolini.

Sua narrativa fala de três representantes de um clã do Velho Mundo - Pasquale, Gaetano e Alfonso Segreto - vindos de uma Itália empobrecida ajudaram a lançar as bases da produção audiovisual no país. Em paralelo ao evento mineiro, o longa pode ser visto na programação da Festa, até 1º de julho.

Inédito comercialmente no Brasil, o longa acompanha a trajetória de Pasquale, Gaetano e Alfonso na produção cinematográfica brasileira, no fim do século XIX e no início dos 1900. A versão exibida na Festa conta com narração de Paulo Betti.

Convidado especial desta edição do evento, Ferrone desembarca no Brasil para uma série de debates e encontros com o público. A agenda começou em Brasília, na quarta, em uma sessão especial promovida pela Embaixada da Itália. Em São Paulo, o cineasta apresenta o filme no Espaço Petróbras de Cinema e participa do



'I Fratelli Segreto' celebra a gênese italo-brasileira de nosso cinema, com sessões na 8 e Meio Festa e na CineOP



Mario Spada Kim/Divulgação

'Fuori' concorreu à Palma de Ouro em 2025

encontro Trabalhar a Memória - A Descoberta do Cinema de Arquivo, no Instituto Italiano di Cultura. No dia 28, vem a CineOP, em Ouro Preto, onde o documentário terá sessão especial seguida de debate. A passagem pelo Rio de Janeiro acontece em 30 de junho, no Instituto Italiano di Cultura, em exibição seguida de conversa com o pesquisador William Martins. O encerramento da visita será no Estação Claro Rio, em 1º de julho, com nova sessão comentada.

Exibido na competição do Festival de Roma de 2025, "Os Irmãos Segreto" nasceu de uma parceria entre as produtoras Bang Filmes, do Brasil, e Stayblack, da Itália, em colaboração com a Cinemateca do MAM Rio. O projeto reúne extensa pesquisa histórica conduzida por Kiti Soares, Patrícia Pamplona e Hernani Heffner, conservador-chefe da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio, além da fotografia de Luís Abramo.

"Os irmãos Segreto foram

emigrantes de uma Itália muito pobre e se tornaram pioneiros do cinema brasileiro. Abriam salas de exibição e realizaram filmagens numa cidade complexa e vibrante como o Rio de Janeiro daquele período. É uma aventura fascinante, mas também cheia de zonas obscuras", explica Ferrone, no material promocional da Festa.

Formado em História do Cinema, o diretor construiu sua carreira ao lado de Michele Manzolini investigando o passado por meio de imagens de arquivo. A dupla ganhou reconhecimento internacional com trabalhos como Il Treno va a Mosca e Il Varco, exibido no Festival de Veneza em 2019. Agora, volta a unir pesquisa e criação para reconstruir episódios desaparecidos da memória audiovisual brasileira.

Entre os títulos de maior relevo da 8 ½ Festa de 2026, "Fuori" é um dos que chega melhor caçifados pela crítica. Esse drama estrelado por Valeria Golino concorreu à Palma de Ouro celebrando o filão dos filmes de prisão. É um trabalho maduro do diretor Mario Martone, que revisita fei-

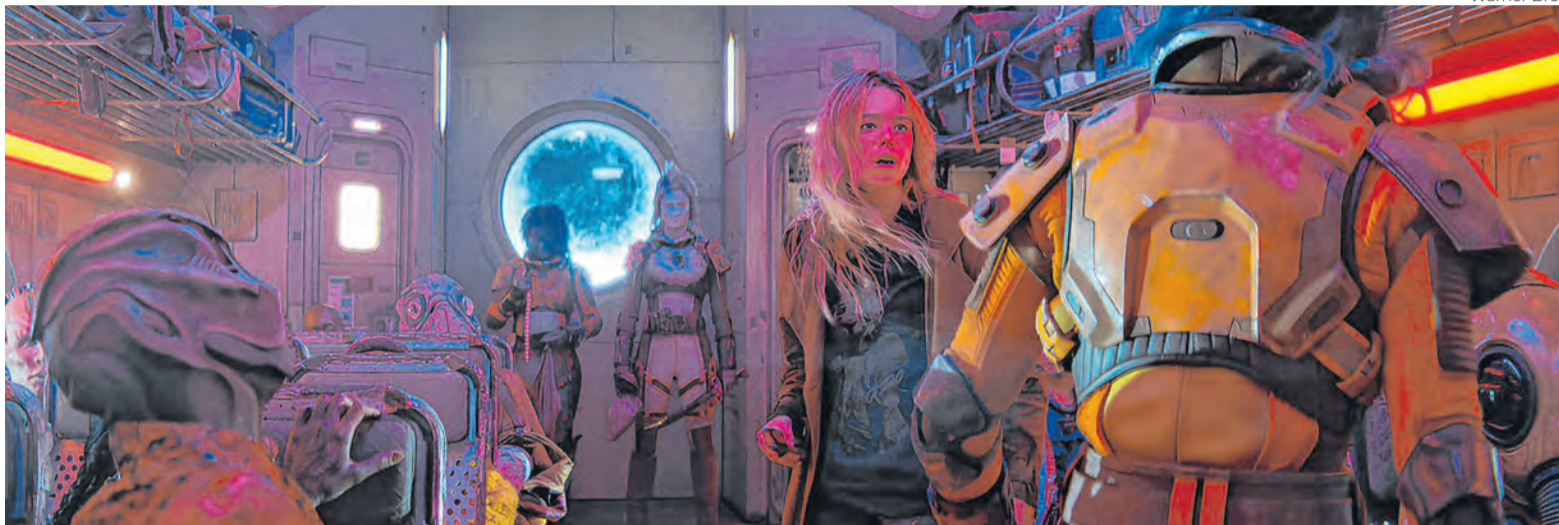
tos reais da escritora Goliarda Sapienza, detida em decorrência de um delito nunca devidamente comprovado. Após sua libertação, a amizade entre ela e as outras detentas continuou, o que causou desentendimentos nos círculos intelectuais em que ela frequentava. Há projeção dele no sábado, às 16h25, no Estação Claro Gávea, e no domingo, às 16h20, no Estação Claro Rio.

Outra pedida obrigatória deste fim de semana é "Três Vezes Adeus" ("Tre Ciotole"), de Isabel Coixet. Artesã autoral consagrada por retratar o quanto o amor sabe ser implacável, a diretora de "Fatal" (2008) volta à ribalta com uma trama em italiano. Nela, tudo parte do que parece ser uma briga trivial entre Marta (Alba Rohrwacher) e Antonio (Elio Germano). O casal termina a relação, na fricção do ressentimento. A reação de Marta é se fechar em si mesma e ficar fora do mundo. A única coisa que ela não consegue ignorar é sua perda brusca de apetite. Rol ver essa beleza nesta sexta, às 20h40, no Estação Claro Rio, e no domingo, às 16h, no Estação Claro Gávea.

## CRÍTICA FILME | SUPERGIRL

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

# Parece armação do Lex Luthor



Warner Bros

Milly Allock encarna Kara Zor-El, heroína vinda de Krypton assim como seu primo, o Homem de Aço

Embevecida hoje com o bilhão de dólares faturado por “Super Mario Galaxy” e pelos US\$ 959 milhões arrecadados por “Michael”, Hollywood anda num namoro com os filmes derivados de videogames e com as biopics de aves canoras como Michael Jackson. Longas-metragens com super-heróis da Marvel e DC parecem coisa do passado, ainda que a expectativa por “Homem-Aranha: Um Novo

Dia” (agendado para 29 de julho) e “Vingadores: Doutor Destino” (atração do dia 17 de dezembro) esteja grande.

Esse “grande” só não está tão eivado de certezas como se viu nos tempos em que Sam Raimi fez de Tobey Maguire seu Peter Parker, em luta contra o Duende Verde (em 2002) ou o Doutor Octopus (2004). Tampouco se vê a mesma reverência (até da crítica) que cercava a trilogia “Batman”, com Christian Bale, de Christopher Nolan. A

derrapada no jogo se deu quando (o horrendo) “Thor: Amor e Trovão” (2022), de Taika Waititi, e “Adão Negro”, de Jaume Collet-Serra, ambos de 2022, deram sinais de rouquidão num veio – a adaptação de HQs – que parecia ter o canto da sereia para atrair multidões.

Num tempo de risco para essa vertente do pop, as fragilidades a granel de “Supergirl” comprometem todo um sistema simbólico (de lucro). Existe nele uma dimensão urgente e bem-vinda de combate

ao sexismo, o que justifica sua existência (e clama por respeito). Mas a burocracia em sua direção fala mais alto do que os componentes políticos em seu arranjo formal.

Há um ator em cena... só um... em estado de graça: David Krumholtz (de “Lousy Carter”), que vive Zor-El, o pai da protagonista, Kara, a Supergirl do título. Ela, que deveria reluzir, não tem brilho algum, na atuação sem viço e sem carisma de Milly Allock (a jovem Rhaenyra Targaryen de “A Casa do Dragão”), que

parece deslocada em cena. A direção do australiano Craig Gillespie não foi capaz de empolgar-la, nem consegue contagiar o público, numa linha narrativa despida de poesia e de carga épica. Parece que um gerente de banco dirigiu a saga de Kara para salvar seu cão, Krypto, de um envenenamento provocado por um bando de saqueadores estelares liderado por Krem (o belga Mathias Schoenarts, distante da exuberância que esbanjava em “Ferrugem e Osso”). O vilão tornou órfã uma jovem, Ruthye (Eve Ridley), que conta com o apoio de Kara para se vingar. Entre as duas e o bandidão, aparece Lobo, um ferrabrás digno do Wolverine, temido no universo dos quadrinhos da editora DC Comics, a quem Jason Moma reduz a um arremedo de Deadpool.

Reciclada, repaginada e renovada nas artes gráficas graças ao trabalho da quadrinista paulista Bilquis Evely, na minissérie “A Mulher do Amanhã” (2021), lançada aqui pela Panini, a Supergirl é prima de Kal-El, o Superman (agora encarnado por David Corenswet), mas não vive à sombra dele. É signo de empoderamento desde que foi criada, na sagacidade do roteirista Otto Binder (1911-1974) e do desenhista Al Plastino (1921-2013), em maio de 1959, na revista “Action Comics” nº 252. Gillespie, que extraiu atuação seminal de Margot Robbie em “Eu, Tonya” (2017), não parece ter entendido essa dimensão empoderada, ao filmar o script da roteirista (de DNA brasileiro) Ana Nogueira. Perdeu-se na kryptonita. Lex Luthor há de aplaudi-lo.

## CRÍTICA FILME | AS CORRENTES

# Elos com o mistério

Grande aposta do cinema argentino no Festival de San Sebastián de 2025, onde disputou a Concha de Ouro, “Las Corrientes” deixou o prestigiado evento espanhol com a láurea RTVE-Otra Mirada, conquistada pela força dos enquadramentos da direção de fotografia de Gabriel Sandru, numa sinergia plena com a dinâmica autoral da realizadora Milagros Mumenthaler.

Numa toada entre o drama e o thriller psicológico, onde medo e tristeza se amalgamam numa sen-

sação de vazio existencial, a trama acompanha as angústias da estilista Lina, interpretada por Isabel Aimé González Sola. Aos 34 anos, no auge da carreira, na Suíça, ela é tomada por um gesto impulsivo após receber um prêmio. De volta a Buenos Aires, Lina guarda silêncio sobre o incidente, mas algo mudou internamente: uma sensação inquietante, uma culpa velada, uma percepção da vida que agora parece vista de longe. A partir daí, Lina confronta fragmentos de um passado que julgava superado, en-



Divulgação

Inquietações existenciais racham a estilista Lina ao meio em ‘As Corrientes’

quanto sua rotina, suas relações e sua própria identidade tensionam diante de um mal-estar crescente.

Milagros oscila com destreza entre o realismo e o fantástico a fim de registrar a fragmentação

emocional da protagonista, num cotidiano dividido entre exigências sociais e seus desejos mais íntimos. Conhecida por “Abrir Portas e Janelas” (2011), a diretora dedicou oito anos de sua vida

à confecção do argumento e do roteiro. Inspirou-se no cinema de Hitchcock para criar uma atmosfera de estranheza e tensão sem recorrer aos códigos tradicionais do suspense. (R. F.)

Festival gratuito traz shows, performances, debates, humor e atrações ligadas à cultura drag e LGBTQIAPN+

POR MAYARIANE CASTRO

**B**rasília recebe até 28 de junho (domingo) a edição 2026 do Fest Drag, que ocupará os espaços do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) com uma programação gratuita dedicada à arte drag, à música, à comédia, à formação cultural e à diversidade. O evento reúne artistas de projeção nacional, como Sandra Sá, Majur, Lorena Simpson, Rita von Hunty, Dacota Monteiro e participantes do programa Drag Race Brasil, além de representantes da cena local.

Os ingressos são gratuitos e podem ser retirados pelo site do CCBB Brasília ou na bilheteria física do local. A liberação ocorre sempre às 12h do dia anterior a cada atividade. A classificação indicativa varia conforme a programação.

Na sexta-feira (26), a programação começa às 14h com o bate-papo “Nem Tudo que Viraliza é Verdade: formando pensamento crítico na era das redes”, conduzido por Rita von Hunty. O encontro propõe uma reflexão sobre circulação de informações, redes sociais e formação de pen-



Com entrada gratuita, festival celebra a cultura Drag com música, arte, performances e palestras

# Fest Drag reúne atrações nacionais no CCBB

samento crítico. À noite, às 20h, o teatro recebe o espetáculo de humor “Dacota: Gala & Glamour”, protagonizado por Dacota Monteiro.

As atividades do fim de semana serão realizadas no Jardim do

CCBB. No sábado (27), a programação tem início às 14h com apresentação da DJ Kim Mahara. Em seguida, ocorre a Mostra Competitiva Vera Verão, espaço destinado à apresentação de artistas drag concorrentes. As per-

formances serão avaliadas por um júri formado por Rita von Hunty, Dacota Monteiro, Adora Black e Linda Brondi.

A programação musical de sábado prossegue com a Banda das Montadas, DJ Natasha Vox, a can-

tora Lorena Simpson e o grupo espanhol “Las Bibas From Vizcaya”. As apresentações se estendem até a noite e encerram o terceiro dia do festival. No domingo (28), último dia do evento, o Jardim do CCBB volta a receber atividades a partir das 14h. A abertura será feita pela DJ Sereia Punk. Em seguida, o público acompanha o Drag Game e apresentações das drag queens Naomi Leakes, GG Limona e Verônica Strass.

Ainda durante a tarde, a cantora Ray Psiu sobe ao palco. Na sequência, o espaço recebe a atividade “Performance em Cena”, que contará com participações da Casa de Raturas, Casa de Laffond, Casa dy Luxúria e Carrie Myers.

A programação de domingo inclui ainda apresentação da DJ Cassandra Monster. O encerramento do festival ficará por conta dos shows de Majur, às 20h, e Sandra Sá, às 21h.



A cantora Majur é uma das atrações do festival

## Diversidade cultural, do leque à lace

Programação contempla música, performance, humor, formação cultural e competição artística

Segundo a organização, o Fest Drag foi concebido para reunir diferentes linguagens artísticas associadas à cultura drag e à comunidade LGBTQIAPN+, promovendo apresentações musicais, performances, humor, debates e ações de formação. A proposta também contempla espaços para artistas emergentes e coletivos culturais.

A diretora do Distrito Drag, Rhayane Maiara, afirma que a curadoria busca aproximar diferentes gerações, estilos musicais e formatos de expressão artística. De acordo com ela, a programa-

ção foi estruturada para promover encontros entre manifestações que vão do samba ao pop, passando pela música eletrônica e pelas artes performáticas.

Além dos espetáculos e shows, o festival inclui iniciativas voltadas ao debate público. O encontro conduzido por Rita von Hunty integra esse eixo de formação e reflexão, abordando temas relacionados ao ambiente digital e à circulação de conteúdos nas plataformas online.

Outro destaque é a Mostra Competitiva Vera Verão, criada

para ampliar a visibilidade de artistas drag e incentivar a participação de novos nomes da cena cultural. A vencedora da competição retorna ao palco no domingo, integrando a programação de encerramento do evento. A realização do festival também prevê ações de acessibilidade e mobilidade para o público. Por meio do projeto “Vem pro CCBB”, uma van gratuita fará o transporte entre a Biblioteca Nacional e o Centro Cultural Banco do Brasil durante os dias de programação.

O serviço funcionará com partidas da Biblioteca Nacional às 12h, 14h, 16h, 18h e 20h. Do CCBB para a Biblioteca Nacional, os horários serão 13h, 15h, 17h, 19h e 21h.

# DF cria **Dia do Profissional da Música** para 1º de novembro

Nova lei prevê ações de valorização para trabalhadores de toda a cadeia produtiva

**POR MAYARIANE CASTRO**

O Distrito Federal passou a contar oficialmente com o Dia do Profissional da Música. A data foi instituída pela Lei nº 7.905, sancionada em 11 de junho de 2026 pela governadora Celina Leão (PP), e será celebrada anualmente em 1º de novembro. A medida também incorpora a comemoração ao Calendário Oficial de Eventos do Distrito Federal e estabelece diretrizes para ações de reconhecimento e incentivo aos profissionais que atuam no setor musical.

A nova legislação foi proposta pelo deputado distrital Gabriel Magno (PT) e resulta de uma articulação iniciada há três anos pelo músico e produtor cultural Gustavo Ribeiro de Vasconcelos. A iniciativa tem como objetivo reconhecer os diversos segmentos que compõem a cadeia produtiva da música e estimular a formulação de políticas voltadas ao setor.

De acordo com a lei, a data deverá servir de referência para a realização de ações de incentivo, apoio, integração, descoberta de

talentos e reconhecimento dos profissionais da música. A norma também prevê a promoção de eventos relacionados à história, à cultura, à teoria e à prática musical, além de homenagens a artistas, bandas e corporações musicais do Distrito Federal.

Segundo o deputado Gabriel Magno, a instituição da data representa mais do que a criação de uma celebração anual. Para o parlamentar, a medida formaliza o reconhecimento da contribuição dos profissionais da música para a cultura local e abre espaço para iniciativas permanentes voltadas ao fortalecimento do setor. “Hoje temos formalmente o Dia dos Profissionais da Música. Esses profissionais tiveram, têm e continuarão tendo um papel fundamental na preservação da cultura e na construção democrática do Distrito Federal”, afirmou o deputado.

A proposta teve origem em atividades realizadas no âmbito do Prêmio Profissionais da Música, criado por Gustavo Ribeiro de Vasconcelos. Durante as cerimônias de entrega de moções de louvor promovidas na Câmara Legislativa do Distrito



Divulgação/Donna Comunicação

Lei valoriza o setor e amplia alcance para políticas públicas para profissionais da categoria

Federal (CLDF), artistas e trabalhadores do setor passaram a discutir formas de ampliar o reconhecimento institucional da atividade musical.

Os encontros reuniam profissionais de diferentes áreas ligadas à música, incluindo artistas, técnicos, produtores, educadores,

pesquisadores, comunicadores, gestores culturais e representantes de outras funções presentes na cadeia produtiva. Foi nesse contexto que surgiu a proposta de criação de uma data oficial voltada aos profissionais do segmento.

Após a apresentação da ideia a Gabriel Magno, iniciou-se um

processo de articulação política e institucional que se estendeu por aproximadamente três anos. Ao longo desse período, a proposta foi debatida, transformada em projeto de lei e submetida à tramitação legislativa até sua aprovação e posterior sanção pelo Poder Executivo local.

## Pela valorização dos músicos e artistas

Lei foi articulação de três anos do produtor cultural Gustavo Ribeiro de Vasconcelos

Para Gustavo Ribeiro de Vasconcelos, a criação do Dia do Profissional da Música amplia a visibilidade de trabalhadores que muitas vezes permanecem fora dos holofotes das atividades artísticas. Segundo ele, a produção musical depende da atuação conjunta de profissionais de diferentes áreas.

Entre os trabalhadores citados por Gustavo estão músicos, compositores, arranjadores, produtores, técnicos de som, iluminadores, roadies, professores, jornalistas, fotógrafos, videomakers, pesquisadores, gestores culturais, especialistas em direitos autorais, distribuidores e outros profissionais envolvidos na criação, circun-

lação e preservação da produção musical.

A criação da data ocorre em um contexto de ampliação do debate sobre a economia cultural e sobre o papel das atividades criativas na geração de emprego e renda. O setor musical reúne profissionais que atuam em áreas artísticas, técnicas, administrativas, educacionais e empresariais, movimentando atividades ligadas à produção de eventos, gravação, difusão de conteúdo, formação profissional e preservação da memória cultural.

Com a entrada em vigor da Lei nº 7.905, o Distrito Federal passa a ter um instrumento oficial para promover ações re-



Divulgação/Donna Comunicação

Gabriel Magno e Gustavo Ribeiro de Vasconcelos

acionadas ao reconhecimento dos profissionais da música. A expectativa dos articuladores da proposta é que a data contribua para fortalecer políticas públicas voltadas ao segmento e ampliar o debate sobre as condições de trabalho e a importância econômica e cultural da atividade musical.

A inclusão do Dia do Profissional da Música no calendário oficial também permitirá a realização de eventos periódicos voltados à valorização do setor, reunindo profissionais, instituições públicas, entidades culturais e representantes da sociedade civil em atividades relacionadas à produção musical no Distrito Federal.